



CARTOGRAFIA AFETIVA: MAPEAMENTO DO CAMINHO DE CASA PARA ESCOLA COM ALUNOS DO EJA

Daniela Moreira Bastos
daniela.m.bastos@hotmail.com¹

Resumo

O artigo visa apresentar uma prática de mapeamento afetivo realizada com alunos do Ensino de Jovens e Adultos do município de Vinhedo-SP durante a realização do Estágio Supervisionado em Geografia. A cartografia afetiva é uma metodologia que permite a representação de um espaço sob a perspectiva das subjetividades do agente mapeador. A utilização dessa ferramenta nas salas de aula pode possibilitar ao aluno mapear o lugar no qual está inserido, mostrando suas experiências e suas temporalidades.

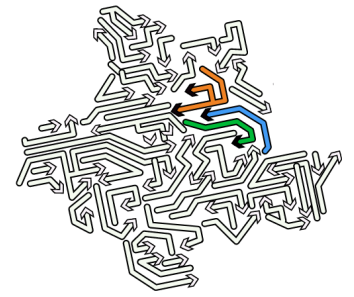
Palavras-chave: Cartografia Escolar, Cartografia Afetiva, EJA.

Introdução

O presente trabalho busca trazer reflexões sobre a prática de mapeamento afetivo realizada com alunos do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) no bairro da Capela, em Vinhedo-SP. Tal prática foi realizada com o objetivo de mapear o caminho que os alunos percorrem de suas casas para a escola, visando expor a subjetividade dos alunos a partir dos mapas produzidos. Ademais, essa prática foi pensada a partir da disciplina de Estágio Supervisionado de Geografia II, disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Geografia, durante o segundo semestre de dois mil e vinte e dois.

A atividade de mapeamento partiu do propósito de produzir conhecimento com os alunos, através da produção cartográfica de suas realidades e rotinas. Para isso, foi necessário pensar em qual seria a melhor forma de trabalhar com diversos atores, entregando a eles o protagonismo de retratar suas próprias singularidades. Visando esses objetivos, houve a escolha de utilizar o método cartográfico.

¹ Graduanda em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.



A cartografia é elencada na educação básica como uma linguagem de representação do espaço geográfico. Para Castellar (2017) a linguagem cartográfica é importante para o conhecimento geográfico devido suas multimodalidades de linguagens, permitindo que haja uso informais e formais, possibilitando a materialização desse conhecimento ainda na infância. No Ensino de Jovens e Adultos, a utilização da linguagem cartográfica possibilita a observação e a compreensão das realidades nas quais estão inseridos.

Para a turma trabalhada, o ensino de cartografia está posto na habilidade EM13CHS106 que diz

utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e icnográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares para comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (SÃO PAULO, 2022, p. 181-182)

Além disso, os objetos de conhecimento da Geografia atrelados à essa habilidade são “técnicas de cartografia e geotecnologias e seu uso em diferentes fenômenos espaciais; as desigualdades regionais e sociais expressas pelo acesso à internet e redes sociais; mapas temáticos e a análise de territórios” (SÃO PAULO, 2022, p. 182).

Para a realização da atividade houve a programação de uma sequência de 5 aulas sobre o tema. Do total, duas aulas foram voltadas para uma apresentação expositiva sobre a história da cartografia e conteúdos da Cartografia Escolar tradicional como escalas e projeções cartográficas. Tais assuntos foram abordados visando elucidar o caráter instrumental e científico que rege a produção cartográfica na academia.

Posteriormente, as duas aulas restantes foram destinadas à introdução do conceito de cartografia afetiva e a prática do mapeamento. A cartografia afetiva, de acordo com Paz e Bueno (2021, p. 193-194) “se apresenta como método de abordagem para estudos da subjetividade, se constituindo como método de pesquisa-intervenção que se orienta a diagramar redes, considerando as experiências de cada sujeito e suas diferentes temporalidades”. O mapeamento realizado pelos alunos ocorreu a partir de um desenho do caminho percorrido de casa para a escola, utilizando folhas sulfite e lápis coloridos.

A discussão da cartografia afetiva teve início a partir do conceito de paisagem. Para Meinig (2002, p. 35) “a paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente dos

nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”. Debruçando nessa ideia, a atividade do mapeamento foi norteada a partir das seguintes questões: qual o gosto da minha rua? Qual o cheiro da praça Aurora Sudário? Qual o barulho do caminho que percorro? As questões foram imprescindíveis para nortear as discussões, elencar e problematizar os elementos físicos, visíveis e invisíveis que compõem a paisagem.

Logo, no exercício dos alunos pensarem no caminho que percorrem diariamente, apesar de perpassarem por diversos lugares em comum, as paisagens não são as mesmas. É certo que terão alguns elementos em comum como passar pela praça Aurora Sudário que possui área de lazer para as crianças, academia ao ar livre e campo de futebol, localizada ao centro do bairro, ou até mesmo a rodoviária localizada ao lado da escola. Todavia, a paisagem percebida por cada um é resultado da associação entre as suas ideias percebidas, a memória e seus sentidos. Ou seja, resulta da subjetividade de cada agente.

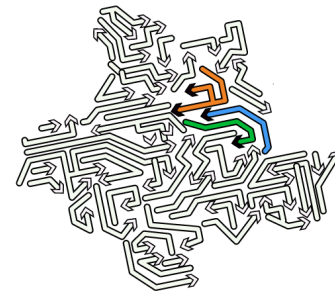
Fundamentação teórica

Oliveira Jr (2012) enfatiza a importância da Cartografia Escolar não ter somente o caráter informativo e comunicativo. Para Oliveira Jr. (2012), é importante encontrar alternativas aos mapas e às obras cartográficas que nos permitam imaginar e inventar percursos para a Cartografia Escolar.

Ainda sobre os mapas convencionais utilizados pela Cartografia Escolar, Oliveira Jr (2012) pontua

O mapa (em uma versão oficial – do Estado, da cartografia formal ocidental) tornou-se um clichê, algo que aparece diante de nós toda vez que pensamos em espaço, em geografia. Por isto ele se converteu na figuração do espaço e como tal ocupa toda nossa maneira de pensar o espaço por ter se colocado como sua (verdadeira) representação. Atualmente (e ao meu ver, sobretudo, devido ao percurso escolar) eles não são apenas modos de ver, são eles que são vistos como sendo o espaço e finalmente (ao final da geografia escolar) vemos apenas eles como sendo o espaço (p. 9-10).

Ver esses mapas como a verdadeira representação do espaço ou talvez somente um espaço e atribuir-lhes somente a finalidade de orientação e localização retira da cartografia a característica da criticidade, identidade e o conhecimento da realidade daquele espaço. Torna-se necessário, então, que o professor identifique as diversas formas de ensino através da linguagem cartográfica e suas potencialidades.



Pensar as potencialidades da Cartografia Escolar voltadas para o Ensino de Jovens e Adultos torna-se um exercício de trabalhar com a imaginação e os sentimentos dos alunos pelo lugar vivido, muitas vezes durante sua vida inteira, mas às vezes não percebido a partir das relações sociais. Solicitar o mapeamento pelos alunos é uma forma de instigar a expressividade e, a partir de sua subjetividade, articular suas afetividades.

O afeto, etimologicamente, vem do latim *affectus*, de acordo com o dicionário Michaelis², e significa: “Expressão de sentimento ou emoção como, por exemplo, amizade, amor, ódio, paixão etc...”. Tal definição junto às contribuições feitas por Paz e Bueno (2021), Hutta (2020) nortearam a ideia de cartografia afetiva e também desencadearam alguns questionamentos como: quais são as emoções e sentimentos que esses alunos sentem no deslocamento de casa para a escola? Quais são as emoções e sentimentos que eles sentem principalmente pelo fato de estarem indo para a escola? São sensações parecidas?

A afetividade por um espaço no qual se vive é expressada para além da topofilia (o amor por esse lugar) ou pela topofobia (o medo), como afirma Hutta (2020). Os afetos pelo lugar se formam através das relações espaciais, podendo ser eles a confiança, curiosidade, raiva, vergonha nojo ou culpa (ANDERSON, 2014; BONDI et al., 2005 apud HUTTA, 2020).

Hutta (2020) enfatiza que o afeto está além da valorização subjetiva realizada pelos indivíduos. Logo, o afeto consiste no resultado da relação dos indivíduos entre si e deles com o espaço. Além disso, Hutta (2020, p. 65) sugere que: “os afetos não são apenas expressados ou experimentados no território, eles também constituem o território (e sua anulação)”.

Caracterização da escola e do bairro

A Escola Estadual Professora Maria do Carmo Ricci Von Zuben está localizada no Bairro da Capela, região periférica do município de Vinhedo, no estado de São Paulo. A cidade de Vinhedo tem cerca de 64 mil habitantes. Do total, aproximadamente 35 mil moram na região da Capela. Isso ocorre porque a região é rodeada pelo distrito industrial que a partir dos anos noventa, como afirma Trento (2014), sofreu a ampliação e a implantação de empresas multinacionais como Kärcher, Unilever e Perfetti Van Melle, ocasionando a atração de diversos migrantes para a cidade, principalmente na região do bairro em questão. De acordo

² MICHAELIS moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=Ywvd#:~:text=Dicion%C3%A1rio%20Brasileiro%20da%20L%C3%ADngua%20Portuguesa&text=1%20Sentimento%20de%20afei%C3%A7%C3%A3o%20ou.revoltava%20muito%3B%20n%C3%A3o%20%5B%E2%80%A6%5D>. Acesso em: 18 nov. 2022.



com o Censo Demográfico de 2010, cerca de 58% da população de Vinhedo veio de outros estados.

Para a compreensão das afetividades cartografadas pelos alunos é necessário compreender o local onde estão inseridos. Vinhedo faz parte da Região Metropolitana de Campinas, localizada a 35 km de Campinas e a 72 km de São Paulo. O município tem uma área territorial de 82 km² e o PIB per capita de R\$ 130.500,02 e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,817, como afirma o IBGE ³. É importante ressaltar esses dados porque apesar da evidente prosperidade econômica, a cidade é regida pela concentração de renda (TRENTO, 2014).

A população mais pobre da cidade está historicamente localizada na região da Capela. A população capelense é caracterizada por

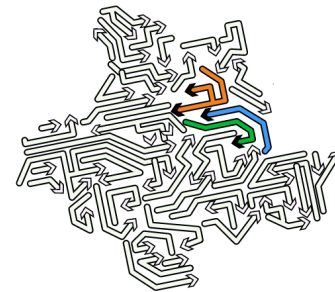
trabalhadores das indústrias locais, grande parte migrantes e muitos negros, o que acaba por estigmatizar socialmente o bairro, que é visto com preconceito pela parte com ascendência europeia e moradora dos condomínios na parte central e mais alta da cidade, detentores dos poderes políticos e econômicos locais. A estigmatização social ocorre em diversas escalas, seja ela no plano individual, quando o sujeito revela-se morador da Capela, como no plano espacial e de conjunto, pois todo o bairro é visto de forma pejorativa pelo restante da população vinhedense, discurso esse, enraizado mesmo dentro da rede municipal de ensino, na comunidade, além de refletido nas ações de âmbito político, como será visto nos capítulos seguintes (TRENTO, 2014, p. 10)

Desde a fundação do bairro, a população é composta por descendentes e escravizados das fazendas de café da região e migrantes que vieram de outros estados do país em busca de empregos e melhores condições de vida.

Caracterização da turma

A atividade foi realizada em uma turma de Primeiro Termo do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos. O grupo é composto por 10 alunos, caracterizados por 3 homens e 7 mulheres. A faixa etária do grupo estudado varia de 18 a 69 anos. Além disso, é válido ressaltar o lugar de origem desses alunos: cerca de 60% desses alunos vieram de outros estados do país, sendo que uma pessoa veio de Minas Gerais, enquanto as outras vieram de outros estados do Nordeste.

³ IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Vinhedo**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/vinhedo/panorama>. Acesso em: 16 dez. 2022.



Resultados e discussão

As cidades e os bairros não provocam as mesmas emoções e não possuem o mesmo significado para seus habitantes. Tais afetividades são promovidas a partir do a imaginação, memória, sentidos e sentimentos desses alunos presentes. A cartografia afetiva, por ser uma ferramenta flexível nas abordagens de temas e nos procedimentos nos propicia: “subsídios para reconhecer as estratégias e ferramentas que dispomos, estabelecendo, ao mesmo tempo, novas possibilidades de trabalho, vínculos, redes de apoio, cuidado e pertencimento” (PAZ E BUENO, 2021, p. 194).

Durante as discussões sobre as afetividades sentidas no deslocamento da casa para a escola os sentimentos mais aparentes, enfatizados por todos os alunos, é o de cansaço e sono devido a árdua rotina. Todavia, em suas narrativas, os alunos destacam a felicidade e outros sinônimos como o maior sentimento de estar indo à escola.

A figura número 1, representando o mapa feito pela aluna J., retrata sua afetividade a partir da imaginação, do olfato e da memória. Isso ocorre porque em sua representação a aluna destaca os cheiros, como o cheiro de outono, que segundo ela é sua estação favorita e mais à frente do percurso, perto da escola, a aluna escreve o “cheiro de algodão doce”, que segundo ela é uma memória e um gosto da infância. Por fim, a aluna diz em sua apresentação da representação que escolheu o algodão doce para significar seu sonho de infância que era frequentar a escola.

Figura 1. Mapa Afetivo da aluna J.



Fonte: acervo pessoal.

Na figura número 2, a aluna V. também expressa sua afetividade através do olfato. Ela escolheu enfatizar, em sua representação, algo que lhe causa incômodo: o cheiro desagradável emitido pelo lago o qual percorre todos os dias em seu deslocamento.

Figura 2. Mapa afetivo aluna V.



Fonte: acervo pessoal

Na figura 3, a aluna T., além de retratar o caminho percorrido de sua casa para a escola, manifesta com o desenho de um boneco perto da escola, algo que de acordo com ela faz parte de sua rotina e que é algo que gosta de fazer: comprar um salgado na lanchonete ao lado da escola e sentar ali mesmo, na mureta da lanchonete, observando a população passar a pé e de carro enquanto espera o horário de entrada no colégio.

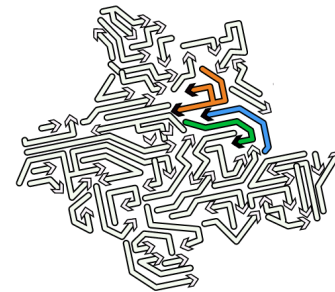
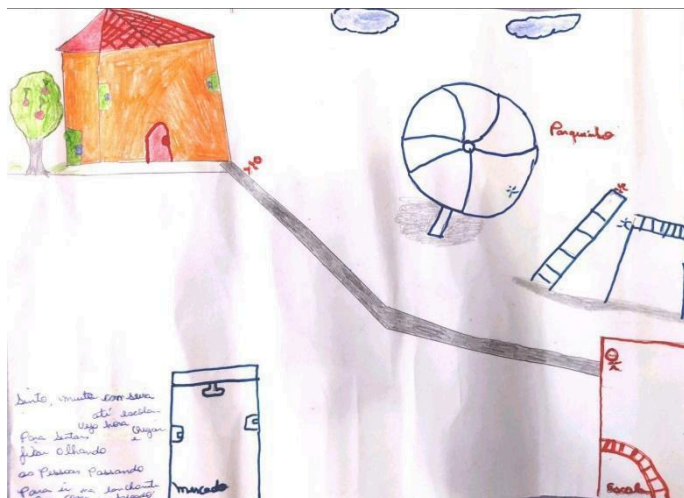


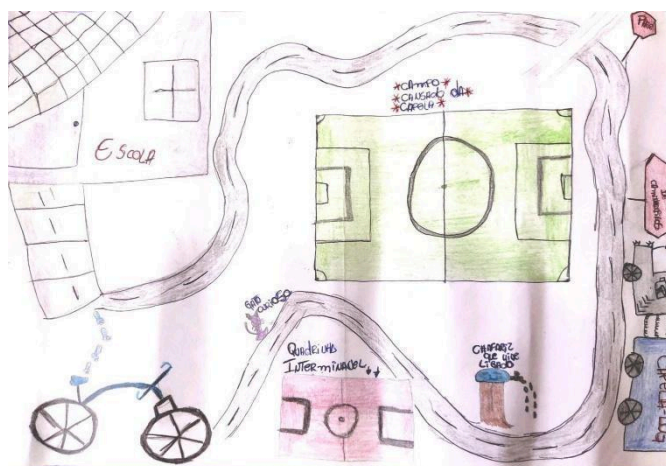
Figura 3. Mapa afetivo da aluna T.



Fonte: acervo pessoal

O aluno D., na figura número 4, ilustra seu deslocamento feito através da bicicleta, como mostra o desenho. Além disso, retrata também situações rotineiras que lhe chamam a atenção: a torneira que está sempre aberta - a qual ele chama de chafariz -, a quadra de futebol do bairro que, segundo ele é “interminável” devido à demora na conclusão das obras e a presença do “gato curioso” que sempre o encontra no caminho.

Figura 4. Mapa afetivo do aluno D.



Fonte: acervo pessoal

A partir dos trabalhos mostrados acima é possível observar que um lugar/um bairro pode ser representado de várias formas. A cartografia afetiva permite representar um caminho muito parecido, de ruas do mesmo bairro para a mesma escola pensado a partir dos recortes feitos por cada indivíduo. Tais recortes são produtos de suas subjetividades.



É importante ressaltar que nessas representações foram utilizadas diferentes escalas cartográficas para representar o percurso. Isso é perceptível pois nas figuras 1 e 3 há um menor detalhamento do caminho e das ruas, representando uma área mais ampla e de menor escala. Já nas figuras 2 e 4 pode-se observar mais detalhes nas ruas como o exemplo do “gato curioso” da figura 4, mostrando o caminho sob a ótica de uma escala maior.

Considerações finais

Na educação básica, a cartografia surge como uma linguagem de representação do espaço geográfico. Por apresentar diversas modalidades de linguagens, a cartografia possui usos formais e informais, possibilitando que as práticas cartográficas sejam realizadas por diversos agentes.

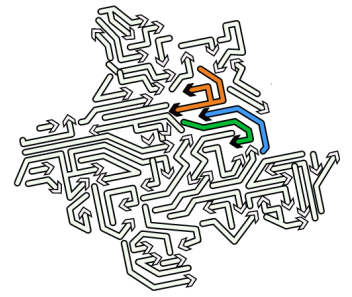
Tradicionalmente, como podemos analisar com as contribuições de Oliveira Jr. (2012), a utilização da cartografia na educação básica é feita a partir de decodificação de mapas, códigos e convenções. Cabe ao professor pensar em outros percursos para se debruçar nessa linguagem de modo a instigar a imaginação e outros sentimentos.

O trabalho com a linguagem cartográfica no ensino de geografia possibilita a criação de representações espaciais pelos alunos e alunas com o objetivo de pensar as práticas espaciais vividas por eles em seu cotidiano. Além disso, quando se utiliza da cartografia afetiva para o trabalho com mapeamento, torna-se ainda mais presente a expressão das subjetividades e afetividades dos alunos em suas práticas espaciais durante seus deslocamentos de casa para a escola.

Na cartografia afetiva, o exercício de análise da paisagem proporciona ao estudante a percepção das relações sociais presentes no espaço em que vive, possibilitando aos alunos e alunas o exercício de olhar criticamente para seu bairro.

Referências bibliográficas

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. CARTOGRAFIA ESCOLAR E O PENSAMENTO ESPACIAL FORTALECENDO O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 207–232, 2017. DOI:



10.46789/edugeo.v7i13.494. Disponível em:
<https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/494>. Acesso em:
17 dez. 2022. Acesso em: 14 dez. 2022.

HUTTA, Jan Simon. TERRITÓRIOS AFETIVOS: CARTOGRAFIA DO ACONCHEGO COMO UMA CARTOGRAFIA DE PODER. **Caderno Prudentino de Geografia**, [S. l.], v. 2, n. 42, p. 63–89, 2020. Disponível em:
<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7883>. Acesso em: 17 dez. 2022.

MEINIG, Donald. O OLHO QUE OBSERVA: DEZ VERSÕES DA MESMA CENA. **Espaço e Cultura**, [S.l.], n. 16, out. 2013. ISSN 2317-4161. Disponível em:
<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7762/5610>>. Acesso em: 15 dez. 2022. doi:<https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2003.7762>.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado. Mapas em Deriva: imaginação e cartografia escolar. **Geografares**, [S. l.], n. 12, p. 01–49, 2012. DOI: 10.7147/GEO12.3187. Disponível em:
<https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/3187>. Acesso em: 14 dez. 2022.

PAZ, Beatriz Coelho; BUENO, Marina Fernandes. CARTOGRAFIA AFETIVA DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR: PENSANDO EM ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DOS IMPACTOS DA COVID-19 NA EDUCAÇÃO. **RevistAleph**, n. 36, 18 nov. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/49586>. Acesso em: 17 dez. 2022.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. União dos Dirigentes Municipais de Educação do Estado de São Paulo. **Currículo Paulista**. São Paulo: SEE-SP/UNDIME-SP, 2022. Disponível em:
<https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2020/08/CURR%C3%84DULO%20PAULISTA%20etapa%20Ensino%20M%C3%A9dio.pdf>. Acesso em 17 dez. 2022.

TRENTO, Peter Rodrigo. **A Capela é tudo isso para baixo, o resto é Vinhedo: uma proposta de pedagogia para o lugar**. 2014. 120 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em:
<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1623379>. Acesso em: 14 dez. 2022.